instituto portalafro

EDIÇÃO ESPECIAL · CABELO CRESPO
NOVEMBRO NEGRO · 2026
REVISTA DIGITAL SEMANAL



Marcha das Mulheres Negras, Brasília, 2015 · Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0



Toni Tornado, 1971 · Autor desconhecido / domínio público

QUILOMBO

Portal Afro *Hub*

ESPECIAL 20 DE NOVEMBRO · CABELO CRESPO

Do ferro quente ao *black power*: quem fez a história do nosso cabelo

Os cabeleireiros pioneiros de São Paulo, as galerias do centro, a Bonequinha do Café e o caminho da química que queimava ao produto vegano.

Gê Black Power
O cabeleireiro que cortou o black de uma geração

Galerias
Reggae e Rock, a universidade do crespo

Dudley
O diploma americano na parede do salão

Oito tipos
Por que o Brasil tem todos

NESTA EDIÇÃO

Sumário

• **Editorial e expediente** 3
Por que um especial sobre cabelo no mês de Zumbi.

01 **Do ferro quente ao vegano** 4
Cem anos de técnicas, produtos e escolhas, numa linha do tempo.

02 **Bonequinha do Café** 7
O concurso do Clube 220, a Mãe Preta do Paiçandu e o protesto de 1977.

03 **Gê Black Power** 9
Do Paraná à Galeria Presidente: o cabeleireiro dos bailes, dos craques e dos cantores.

04 **As galerias da 24 de Maio** 12
Galeria do Reggae, Galeria do Rock e Galeria Metrópole: os polos do cabelo crespo.

05 **Os pioneiros** 15
Quem abriu caminho em São Paulo, Osasco, Campinas, Rio, Salvador e Belo Horizonte.

• **Ensaio: Coroas** 18
Fotos grandes de coroas de ontem e de hoje, de Salvador ao mundo.

06 **O diploma da Dudley** 25
A escola da Carolina do Norte que mudou a técnica dos salões brasileiros.

07 **Oito tipos de cabelo** 26
O que diz a classificação, e por que o Brasil tem todos.

08 **Brasil, Estados Unidos e África** 28
As técnicas de cada lado do Atlântico.

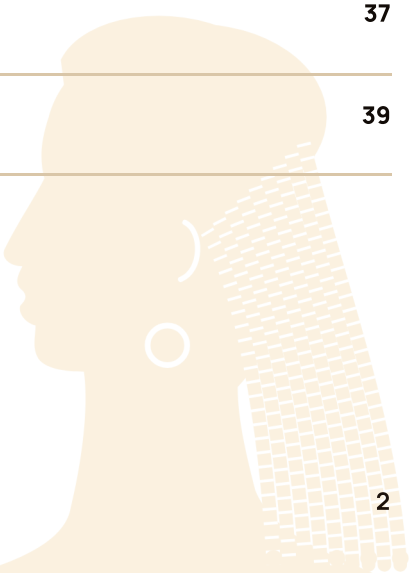
09 **Hoje: o crespo é escolha** 31
Transição, Marcha do Orgulho Crespo, cooperativa e as regras da Anvisa.

10 **Feito aqui** 34
As linhas de produtos criadas por cabeleireiros e empreendedores negros, e a maior rede do país.

11 **Quem organiza a categoria** 36
Dia do Cabeleireiro Afro, profissão reconhecida e associações no Brasil e fora.

• **O que ainda estamos apurando** 37
Nomes e histórias que precisam da sua memória.

• **Quilombo Portal Afro Hub** 39
Como participar, apoiar e mandar sua história.



CARTA DE ABERTURA

Cada cabelo *é um cabelo*



Sankofa

No mês de Zumbi, o Quilombo Portal Afro Hub dedica uma edição inteira ao cabelo crespo. O motivo é simples: poucas coisas contam tão bem a história do povo negro no Brasil quanto o que fizemos, e o que fizeram, com a nossa cabeça.

Houve o tempo do ferro quente, que os baianos chamavam de "cabelo frito". Houve as pastas e as químicas que queimavam o couro cabeludo. Houve o dia em que um rapaz de black power subiu no palco de um festival na televisão, e outro, numa salinha da Galeria Presidente, deixou o próprio cabelo crescer para aprender a cortar igual.

Esta edição conta a história desses cabeleireiros e cabeleireiras. Muitos nunca saíram no jornal. Em 2016, o Portal Afro já escrevia que essas trajetórias "daria um belo livro e filme". Este especial é um começo.

Uma regra guia esta revista: **não inventamos datas, números nem falas**. Cada informação tem fonte, listada no fim de cada matéria. Quando a história só existe na memória de quem viveu, dizemos isso. A página 37 lista o que ainda estamos apurando, e pede a sua ajuda.

O título desta carta vem do Gê Black Power, em depoimento ao Museu da Pessoa, em 2018. Ele explicava por que alguns atendimentos demoram mais do que outros: cada cabelo é um cabelo. Boa leitura.

Instituto Portal Afro

EXPEDIENTE

Portal Afro Hub é a revista digital semanal do Instituto Portal Afro e do Quilombo Portal Afro Hub.

Edição especial · Cabelo crespo · Novembro Negro de 2026. Dados conferidos até 14 de novembro de 2026.

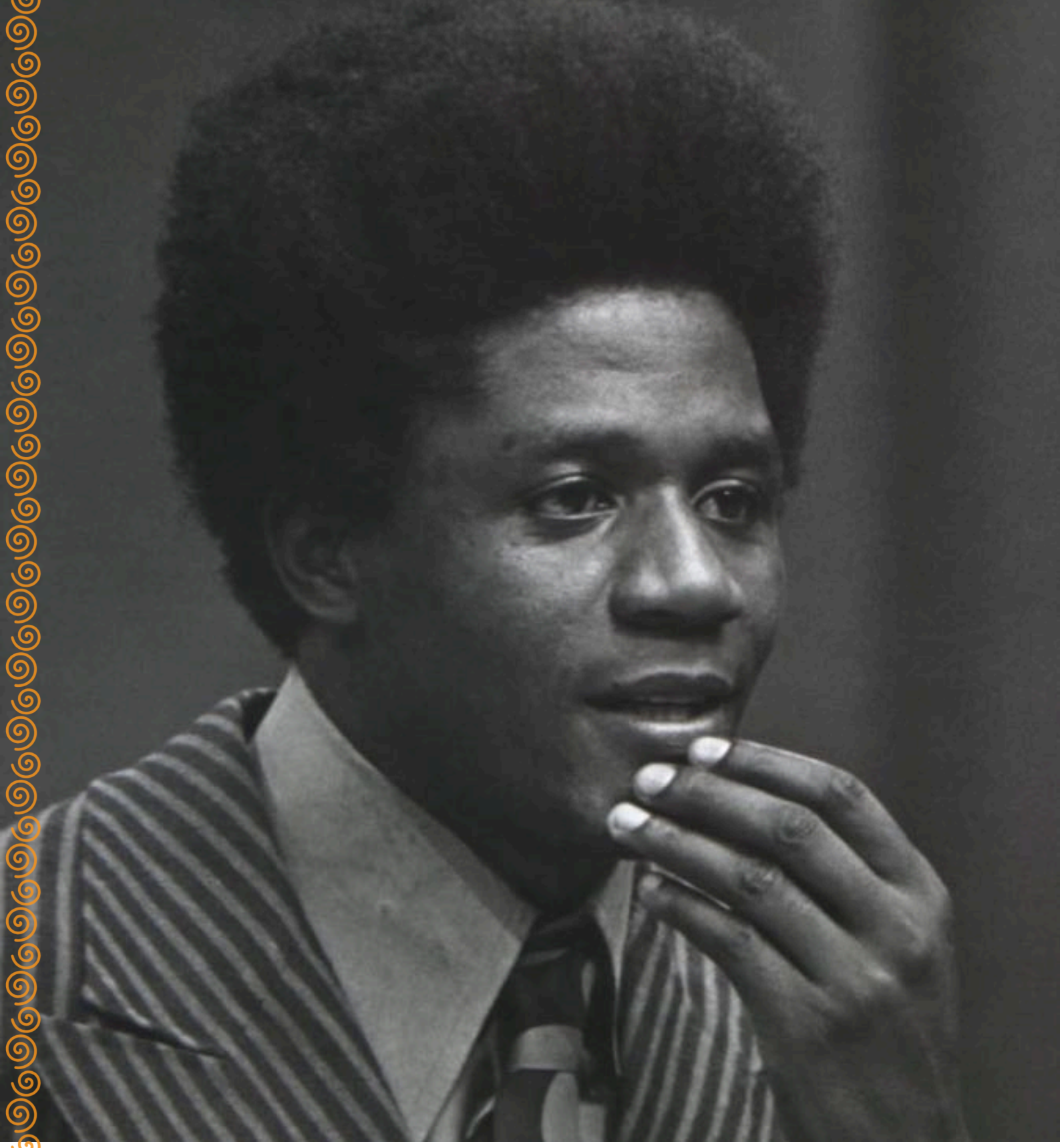
Pauta: Jader Nicolau Junior.

Textos e pesquisa: Redação Portal Afro Hub, com apoio de ferramentas de inteligência artificial e conferência de cada fonte citada.

Imagens: acervo do Portal Afro e imagens livres (domínio público e Creative Commons), com crédito em cada foto. Nenhuma imagem foi criada por IA.

Contato: portalafro.com.br/contato · instagram.com/portalafro





MATÉRIA 1 · LINHA DO TEMPO

O cabelo *que falou*

Toni Tornado nos anos 1970. Em 1970, ele cantou de black power no Festival Internacional da Canção, na TV. Gê Black Power conta que aprendeu o corte olhando o cabelo dele.

Foto: Autor desconhecido / domínio público (Wikimedia Commons)

MATÉRIA 1

Do ferro quente *ao vegano*



Nkyinkyim: o caminho cheio de curvas

Pente quente, pasta, soda, permanente afro, progressiva com formol, tranças, transição. Cem anos de técnicas que dizem muito sobre o Brasil.

Anos 1900

Nos Estados Unidos, Madam C. J. Walker cria uma linha de produtos para cabelo crespo e populariza, a partir de cerca de 1905, o alisamento com **pente quente** (o "press and curl"). Ela vira uma das primeiras mulheres negras milionárias do país.



Madam C. J. Walker, empresária dos Estados Unidos que popularizou o pente quente. Foto: Addison N. Scurlock / domínio público

c. 1909

O inventor Garrett Morgan percebe que um líquido usado em máquina de costura alisa o tecido. Testa no próprio cabelo e lança o "creme refinador de cabelo", apontado como o primeiro alisante químico.

Anos 1920 a 1960

No Brasil, o calor manda: ferro aquecido na brasa, depois o pente de ferro no fogão. "Cabelo frito", como se dizia na Bahia. Pastas e alisantes caseiros completam o serviço, muitas vezes com queimadura no couro cabeludo.

1962

O Clube 220 cria em São Paulo o concurso Bonequinha do Café, que coroa a negra paulistana mais bonita todo 13 de maio. *Página 7.*

1964

Geraldo da Silva, nascido na Bahia e criado no Paraná, chega a São Paulo. Vai virar o Gê Black Power. *Página 9.*

1970

Toni Tornado canta no Festival Internacional da Canção, na TV, de cabelo black power. O estilo vem dos Estados Unidos, junto com a música soul e as notícias da luta pelos direitos civis.

Anos 1970

Bailes black em São Paulo e no Rio. Em São Paulo, os salões especializados em cabelo de negros "não passavam de dez", segundo um cabeleireiro ouvido pelo antropólogo Jocélio Teles dos Santos.

1981

Nos Estados Unidos, a Johnson Products lança o primeiro relaxante "sem soda" (no-lye), com hidróxidos mais suaves.

Anos 1980

As galerias da Rua 24 de Maio, no centro de São Paulo, viram ponto de encontro do público black. Cabeleireiros brasileiros começam a ir aos Estados Unidos fazer cursos na Dudley. *Páginas 12 e 25.*



Anos 1990

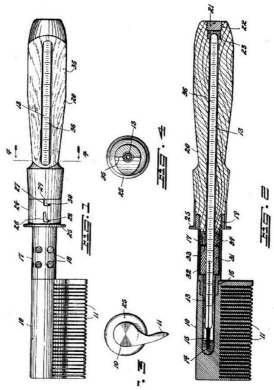
Moda do "permanente afro", o cacho molhado. Em 1993, Zica Assis abre o primeiro Beleza Natural, na Tijuca, no Rio, com uma fórmula que testou por anos no próprio cabelo. Em 1996, a cidade de São Paulo já teria mais de 400 salões étnicos.

Anos 2000

A escova progressiva com formol se espalha pelo país. Fora do Brasil, vira "Brazilian blowout" e "Brazilian keratin treatment". Em 2011, a agência de alimentos e remédios dos Estados Unidos (FDA) avisa uma fabricante de que o produto tinha formol líquido.

2009

A Anvisa proíbe vender formol em farmácias e supermercados, porque ele estava sendo usado para alisar cabelo. O formol só é permitido em cosmético como conservante, em dose baixa.



Desenho de patente de pente quente, de Walter Sammons, inventor dos Estados Unidos. Domínio público

2015

1ª Marcha do Orgulho Crespo, na Avenida Paulista, em 26 de julho. A palavra da década é **transição capilar**: deixar a química crescer e cortar.

2023

A Anvisa suspende a venda de pomadas de trança depois de casos de irritação nos olhos e cegueira temporária.

Hoje

Prateleiras com linhas para crespos e cacheados, produtos veganos e sem química agressiva, cursos de trancistas e cooperativas de salões afro. *Página 31.*

FONTES

1. Madam C. J. Walker e pente quente: "Do pente quente à nanotecnologia", Lizzon; Stylist, "A definitive timeline of the Black hair journey".
2. Garrett Morgan e relaxante sem soda (Johnson Products, 1981): Science Museum, "Happy birthday Garrett Morgan"; Black Beauty Pop, "Relaxers: a retrospective".
3. "Cabelo frito", salões nos anos 1970 e em 1996, permanente afro: Jocélio Teles dos Santos, "O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos", *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, 2000.
4. Beleza Natural: tese da PUC-Rio (maxwell.vrac.puc-rio.br) e Forbes Brasil, 2014.
5. Formol: Sociedade Brasileira de Dermatologia, "Escova progressiva"; Uai Saúde, 03/04/2017; FDA, carta de advertência à GIB LLC, 2011.
6. Marcha do Orgulho Crespo: CUT, 2015. Pomadas: Mariana Nascimento, "Anvisa proíbe pomadas para trançar cabelo", Portal Afro, 12/02/2023.



MATÉRIA 2 · BONEQUINHA DO CAFÉ

Aos pés da *Mãe Preta*

Monumento à Mãe Preta, de Júlio Guerra (1955), no Largo do Paiçandu, em São Paulo. Era aqui que a Bonequinha do Café recebia a coroa, todo 13 de maio.

Foto: Eugenio Hansen, OFS / CC BY-SA 4.0

MATÉRIA 2

A coroa do *13 de maio*



Adinkrahene: grandeza e liderança

Durante anos, o concurso Bonequinha do Café elegeu a negra mais bonita de São Paulo aos pés da estátua da Mãe Preta. Em 1977, um protesto mudou tudo.

A Bonequinha do Café nasceu, segundo a Prefeitura de São Paulo, nos anos 1950, nas regiões cafeeiras do estado. A ideia era escolher a mais bonita entre as mulheres negras que trabalhavam nos cafezais. Na capital, quem deu fama ao concurso foi o **Clube 220**.

O Clube 220 reunia trabalhadores negros: funcionários públicos, mecânicos, torneiros, pequenos comerciantes. Promovia jogos de futebol e basquete, cursos de corte e costura e bailes com orquestra ao vivo. A partir de 1962, segundo a tese do antropólogo João Batista de Jesus Felix (USP, 2005), o clube passou a organizar a Bonequinha do Café, que "elegia e coroava a negra paulistana mais bonita".

A entrega do título era sempre no 13 de maio, dia da Abolição, no Largo do Paiçandu, em frente ao monumento à Mãe Preta e atrás da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A estátua, de Júlio Guerra, foi inaugurada em 1955, por iniciativa do próprio Clube 220.

O dia da faixa

Em 13 de maio de 1977, o palanque tinha autoridades: o comandante do II Exército, representando o presidente Ernesto Geisel; o governador Paulo Egydio Martins; o prefeito Olavo Setúbal. No meio do público, alguém abriu uma faixa: "Abaixo o Racismo Brasileiro".

Outro grupo levou um manifesto ao palanque e pediu para lê-lo. A direção resistiu, o público insistiu, e o diretor do Clube 220, **Frederico Penteado**, leu o texto. O panfleto criticava duramente as relações raciais no Brasil. Parte da plateia aplaudiu. Os autores eram militantes negros da Liga Operária.

Segundo Felix, a partir daí o Clube 220 nunca mais entregou o título em praça pública. O episódio é lembrado como um marco da separação entre entidades negras "culturais" e "políticas", um ano antes da fundação do Movimento Negro Unificado.

O cabelo da Bonequinha

Que cabelo usava a Bonequinha? Quem viveu a época lembra que o organizador do concurso vendia uma **pasta de alisamento de produção própria**. Não encontramos, até o fechamento, registro escrito dessa história, nem o nome do produto. Se você tem foto, recorte ou lembrança, escreva para o Portal Afro (página 37).

O concurso seguiu em outras cidades e, segundo um jornal de Presidente Prudente, foi extinto em 1998. Em 2007, a Subprefeitura de Cidade Tiradentes retomou a disputa, e em 2012 foi a vez de Guaianases.

FONTES

1. João Batista de Jesus Felix. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. Tese de doutorado, Antropologia Social, USP, 2005 (Clube 220, Bonequinha do Café e protesto de 1977).
2. Prefeitura de São Paulo, "Concurso valoriza a beleza da mulher afrodescendente em Cidade Tiradentes" e "Guaianases já tem sua Miss Bonequinha do Café"; Mãe Preta: Secretaria Municipal de Cultura.
3. Extinção em 1998: O Imparcial, Presidente Prudente.



Autor desconhecido / domínio público (Wikimedia Commons)



Foto Carlos / domínio público (Wikimedia Commons)

MATÉRIA 3 · GÊ BLACK POWER

O black *de uma geração*

Acima, Toni Tornado e Silvio Santos, nos anos 1970: Gê conta que Silvio o chamava para fazer cabelo no programa de domingo. Abaixo, Jorge Ben em 1972, um dos clientes que Gê cita no depoimento.

MATÉRIA 3 · PERFIL

Gê Black Power, *o pai de todos*



Dwennimmen: força e humildade

Ele chegou a São Paulo sem estudo, dormiu debaixo de escada e numa garagem, e virou o cabeleireiro do black power dos anos 1970.

Geraldo da Silva nasceu em Caetité, na Bahia, em 10 de maio de 1947. Era um de quatorze irmãos, filho de lavradores. Cresceu na roça do Paraná, em cidades como Cornélio Procópio, Cambé e Rolândia, e com quinze, dezesseis anos já cortava o cabelo dos vizinhos que não tinham dinheiro para o barbeiro. Chegou a São Paulo em 1964. Queria ser garçom, mas ouviu que garçom "não pegava negritude". Escolheu ser cabeleireiro.

A história está no depoimento que ele deu ao Museu da Pessoa em 24 de setembro de 2018, publicado com licença livre. Nele, Gê conta que fez curso de cabeleireiro, mas os salões só contratavam profissionais "mais clarinhos". Foi cortar cabelo debaixo da escada onde dormia. Depois, um feirante português emprestou a garagem.

Os craques e os bailes

A virada veio pelo futebol. Serginho Chulapa, ainda juvenil do São Paulo, cortou com ele, levou-o para casa e trouxe o time: Mirandinha, Zé Carlos, Valdir Peres, o jovem Muricy Ramalho. Os jogadores fizeram uma vaquinha para tirá-lo da rua de terra, primeiro para a Casa Verde, depois para o centro.

Era a época dos bailes da Chic Show no Palmeiras. Gê vendia os convites no salão, e a fila para cortar cabelo tomava o corredor. No centro, ele teve salão na **Galeria Presidente**, a futura Galeria do Reggae, e nas **Grandes Galerias**, a Galeria do Rock. Primeiro o salão nem tinha nome. Depois virou Gegê Cabeleireiro.

> *"Eu vi o cabelo do Tony Tornado, deixei o meu crescer."*
>
> Gê Black Power, depoimento ao Museu da Pessoa, 2018 (CC BY-SA 4.0)

Foi assim que ele aprendeu o black: olhando o cabelo de Toni Tornado e deixando o próprio crescer. O primeiro desfile de cabelo que organizou foi num show dos Originais do Samba.



Wilson Simonal num show de 1971. Ele está entre os clientes que Gê Black Power cita no depoimento. Foto: autor desconhecido / domínio público (Wikimedia Commons)

O nome

O apelido pegou na vinda de James Brown, para um show da Chic Show no Palmeiras. Os convites acabaram na sexta-feira, conta Gê, e ele precisou ficar escondido. Ele lembra que James Brown penteava o cabelo com um pente quente trazido de Miami, nos intervalos, com cuidado para não queimar o couro cabeludo. "Hoje tem chapinha. Antigamente era o pente elétrico."

A lista de clientes que Gê cita no depoimento parece programa de rádio: Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Jorge Ben e o conjunto dele, Tim Maia, Agepê, Jorginho do Império. Do Rio, vinha o jogador Júnior, do Flamengo. Ele diz que penteou os Jackson 5 no Anhembi, quando o grupo veio ao Brasil. E que Péricles, antes de cantar no Exaltasamba, trabalhou como cabeleireiro na galeria.

> *"O Jassa ficou cortando o cabelo caucasiano e eu black power."*
>
> Gê Black Power, Museu da Pessoa, 2018. Jassa, que trabalhou com ele, depois montou salão com apoio de Silvio Santos.

A saída do centro

O sucesso trouxe problemas. A galeria ficou associada a roubos e drogas, conta Gê, e o nome dele ia junto: "Galeria do Gê". Clientes eram assaltados na saída. Em 1983, ele deixou o centro. Montou salão em Copacabana, a pedido de amigos como Martinho da Vila e Jorginho do Império, e depois se firmou em **Pirituba**, na zona norte de São Paulo, onde segue atendendo.

Um guia de salões de 2013 informa que o salão de Pirituba foi "um dos primeiros" a lançar o corte black power nos anos 1970, e que o dono preside a Associação dos Cabeleireiros Afroétnicos do Estado de São Paulo.

O que ele ensina

Gê explica a técnica com simplicidade: cortar redondo e depois usar a bucha. Para escovar o crespo, é preciso secar bem e esticar desde a raiz, e por isso demora mais. No salão, ele organiza a agenda pelo tipo de cabelo, e não pelo relógio.

> *"Os melhores cabeleireiros estão na periferia."*
>
> Gê Black Power, Museu da Pessoa, 2018

No depoimento, ele diz ainda que os produtos que mais vendem são para cabelo afro, porque o cabelo crespo é mais seco e pede mais óleo. É uma lição que a indústria levou décadas para aprender.

FONTES

1. Museu da Pessoa. "Gê Black Power: um exemplo, muitas vitórias, uma lenda". Depoimento a Júlio Mesquita, Carol Margiotte e Luísa Alves, São Paulo, 24/09/2018; publicado em 18/02/2019. Licença CC BY-SA 4.0 (cópia no Wikimedia Commons).
2. Vende-se Cadeiras, "6 salões especializados em cabelos cacheados", 2013.
3. Jader Nicolau Jr., "Black Hair Power!!! A arte dos cabeleireiros negros valorizada", Portal Afro, 22/06/2016.





MATÉRIA 4 · AS GALERIAS

Rua *24 de Maio*

As Grandes Galerias, a Galeria do Rock, inauguradas em 1963. A Galeria Presidente, a do Reggae, fica a poucos passos, na mesma rua.

Foto: Enio Prado / CC BY-SA 2.0

MATÉRIA 4 · SÃO PAULO

A universidade *do cabelo crespo*



Nkonsonkonson: os elos da corrente

Na Rua 24 de Maio, duas galerias vizinhas viraram o endereço do black paulistano: a do Reggae e a do Rock. Ali se cortava cabelo, se comprava disco e se garantia o convite do baile.

O Centro Comercial Presidente, na Rua 24 de Maio, 116, foi construído em 1962. Nos anos 1980 e 1990 ganhou o apelido de **Galeria do Reggae**, por causa das lojas de discos, de equipamento de som e dos salões de cultura black, conta a revista Billboard Brasil. A poucos passos, na mesma rua, fica a "irmã quase gêmea": as Grandes Galerias, inauguradas em 31 de outubro de 1963, a **Galeria do Rock**.

Quando as Grandes Galerias abriram, havia alfaiates, sapateiros, serigrafias e salões de beleza para a elite paulistana. As lojas de disco chegaram nos anos 1970. Segundo o próprio Gê Black Power, ele teve salão nas duas galerias.

> *"Na época dos bailes da Chic Show, os convites eram vendidos lá. Aí o pessoal já aproveitava para cortar o cabelo."*
>
> Celso Barbosa, barbeiro, à Billboard Brasil, 10/11/2023

A fila, lembra Celso, dobrava a rua. O cantor Jorge Aragão vinha do Rio para cortar ali. Com o tempo, as lojas de peruca e os salões de cabelo afro tomaram todos os andares da Galeria do Reggae.

Desde quando?

As fontes não batem. Um lojista disse ao site São Paulo para Curiosos, em 2012, que "desde os anos 60" os black powers se encontravam ali. O antropólogo Hélio Menezes, que estudou a galeria em 2019, é mais cauteloso: nos anos 1970 já havia salões, mas eram minoria; a maioria das lojas era de música black. Para ele, a região é "uma grande universidade do cabelo crespo".

A terceira galeria dessa história é a **Galeria Metrópole**, na Praça Dom José Gaspar. Ali ficava o Inter Yanks Cabeleireiros, de Rudsney Correia, e ali trabalhou Zuleika, como registrou o Portal Afro em 2016.



O vão central das Grandes Galerias, a Galeria do Rock. Foto: Wilfredor / CC0



Galeria do Reggae, Rua 24 de Maio, 116, em 2016. Foto: Acervo Portal Afro



Comitiva do Dia do Cabeleireiro Afro na galeria, 2016. Foto: Acervo Portal Afro

A chegada da África

De uns quinze anos para cá, a Galeria do Reggae também virou endereço de imigrantes africanos. Em 2016, a revista Vice encontrou angolanos, congoleses e, sobretudo, igbos, da Nigéria, pelos quatro andares. O Portal Afro registrou o mesmo em 2016: alguns salões antigos e "uma concentração cada vez maior de profissionais africanos". Na Galeria do Rock, ainda predominavam os salões de brasileiros.

Com eles chegaram técnicas de tranças de vários países. O dread feito com agulha e os apliques que levam de três a doze horas viraram serviço de rotina. Desde os anos 1990, Maria do Carmo, da Muene Cosméticos, vende ali maquiagem para a pele negra.

Um dia para quem cuida do crespo

Em junho de 2016, cabeleireiras, modelos e apoiadores percorreram os salões da Galeria do Reggae para divulgar o Dia do Cabeleireiro Afro, 20 de junho, ideia de Francisco Silvino. Na época, o projeto de lei estava em tramitação. A comitiva tinha as cabeleireiras Cris, Shirley e Bia, e a Muene maquiou as modelos.

> *"Tem muitas histórias sobre os cabeleireiros negros em São Paulo totalmente desconhecidas."*
>
> Jader Nicolau Jr., "Black Hair Power!!!", Portal Afro, 22/06/2016

FONTES

1. Isabela Pacilio, "A galeria que impulsionou o movimento black em São Paulo", Billboard Brasil, 10/11/2023.
2. Gabriela Leandro Pereira e outras, "Cabeça feita", Minha Cidade 257.01, Vitruvius, 2021 (entrevista com Hélio Menezes, 2019).
3. Marcos Muniz, "A cultura dos cortes de cabelo e tranças afro no Centro de SP", Vice, 21/11/2016; Marcelo Duarte, "Na 24 de Maio, uma galeria dedicada à cultura black", São Paulo para Curiosos, 2012.
4. Grandes Galerias: Gazeta SP, "Memória: conheça a história da Galeria do Rock".
5. Rudsney Correia e Galeria Metrópole: Jocélio Teles dos Santos, *Estudos Afro-Asiáticos*, 2000. Zuleika e Dia do Cabeleireiro Afro: Portal Afro, 22/06/2016.



MATÉRIA 5 · OS PIONEIROS

Quem cortava *o cabelo dos astros*

Jair Rodrigues em 1971. O cantor está entre os clientes que Gê Black Power cita no depoimento ao Museu da Pessoa.

Foto: Autor desconhecido / domínio público (Wikimedia Commons)

MATÉRIA 5

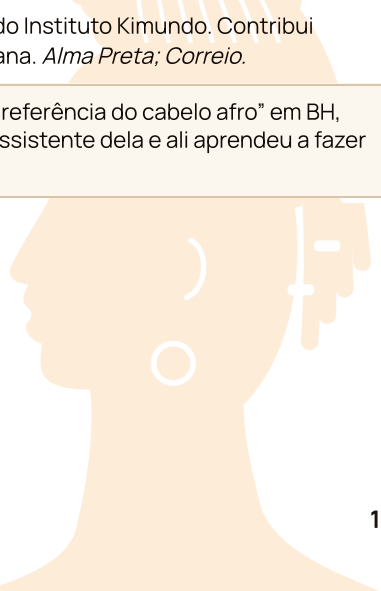
Quem abriu *o caminho*



Aya: resistência e perseverança

Uma lista que não termina aqui. Os nomes marcados com A CONFIRMAR *vêm da memória de quem viveu a época e ainda precisam de entrevista ou documento.*

QUEM	ONDE	O QUE SABEMOS
Gê Black Power	Galeria Presidente e Grandes Galerias; hoje Pirituba (SP)	Cabeleireiro do black power dos anos 1970. Clientes como Simonal, Jair Rodrigues, Jorge Ben e Tim Maia, segundo ele. Saiu do centro em 1983. *Museu da Pessoa, 2018.*
Zuleika	Galeria Metrópole (SP)	Citada como referência pelo Portal Afro em 2016. Foi cabeleireira de Baby Consuelo. A CONFIRMAR
Feitosa	Centro de São Paulo	Cortava o cabelo de Jair Rodrigues. A CONFIRMAR A Billboard cita um barbeiro da Galeria do Reggae, Ednaldo Feitosa, "o Mangueira"; o Portal Afro fotografou Mangueira no salão em 2017. Pode ser a mesma pessoa.
Rudsney Correia	Inter Yanks Cabeleireiros, Galeria Metrópole (SP)	Começou aos 16 anos, em 1978, no primeiro salão "black" onde trabalhou; abriu o próprio salão em 1985. Ajudou a Dudley Products a contar os salões étnicos de São Paulo. *Santos, 2000.*
Solange Dias	São Paulo	Citada como referência na estética capilar pelo Portal Afro em 2016.
Wagner Company	Osasco (SP)	Citado como referência pelo Portal Afro em 2016.
Edson Beauty	São Paulo	"Edson" aparece entre as referências do Portal Afro em 2016. A CONFIRMAR O NOME DO SALÃO
Dona Neuza	Neuza Cabeleireiros, Vila Nagib (SP)	"Uma das cabeleireiras afro mais antigas" da cidade, segundo Santos (2000). Começou atendendo no quintal de casa.
Ângela Bon Bon	Campinas (SP)	Referência em cabelo crespo na região de Campinas. A CONFIRMAR
Day, do AfroDay	Copacabana, Rio de Janeiro	Começou em 1975, na Bahia; abriu o primeiro salão em 1979 e o AfroDay em 1982. *Santos, 2000.*
Zica Assis	Beleza Natural, Rio de Janeiro	Abriu o primeiro salão em 27 de julho de 1993, na Tijuca, com uma fórmula para soltar os cachos que testou por anos. *PUC-Rio; Forbes.*
Negra Jhô	Pelourinho, Salvador	Trancista, dançarina e empresária, à frente do Instituto Kimundo. Contribui desde os anos 1970 com a estética afro-baiana. *Alma Preta; Correio.*
Betina Borges	Salão Beleza Negra, Belo Horizonte (MG)	Educadora e dona do Beleza Negra, "grande referência do cabelo afro" em BH, nas palavras da cabeleireira Mabel, que foi assistente dela e ali aprendeu a fazer relaxamento. *Hoje em Dia.*



O salão que começa no quintal

Muitas dessas histórias começam igual: no quintal de casa, com a vizinhança. Dona Neuza começou assim, conta o antropólogo Jocélio Teles dos Santos. A historiadora Giovana Xavier contou ao Portal Afro, em 2021, que a tia Lena virou cabeleireira aos 11 anos, no quintal da família, no subúrbio do Rio.

> *"Com aquele secador e com a tesoura ela aterrou histórias."*
>
> Giovana Xavier, em entrevista a Mariana Nascimento, "A História Social da Beleza Negra", Portal Afro, 04/09/2021

Nos anos 1980 e 1990, o salão étnico virou negócio. Santos encontrou em São Paulo nomes como o Colonial Black, aberto em 1989 no Shopping Iguatemi, e o Salão Shalom, na Galeria São Luís, que se anunciava como o lugar "onde o cabelo não tem cor". No Rio, havia o Studio Afonjá, com linha própria de cremes e xampus.

Salvador, a outra capital do crespo

Em Salvador, as tranças sempre estiveram na rua: no Pelourinho, no Carnaval, nos blocos afro. Negra Jhô é o nome mais conhecido. O salão dela, no Pelourinho, abriga o Instituto Kimundo de Cultura Afro e fica cheio de 20 de dezembro até o Carnaval. Todo ano, a Feijoada da Negra Jhô sai do salão em cortejo, com bailarinos vestidos de orixás.

Esta lista ainda está curta para a Bahia. Queremos ouvir as cabeleireiras e trancistas de Salvador que fizeram escola. Indique nomes na página 37.



A cabeleireira Maria Bahffor e Maria do Carmo, da Muene Cosméticos, na Galeria do Reggae, em 2016. Foto: Acervo Portal Afro

Quem ensinou quem

Uma parte dessa geração aprendeu sozinha, olhando, como Gê com o cabelo de Toni Tornado. Outra parte foi buscar técnica fora. Nos anos 1990, era comum ver na parede dos salões paulistanos um diploma vindo da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. É a próxima história.

FONTES

1. Jocélio Teles dos Santos, "O negro no espelho", *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, 2000 (Rudsney Correia, dona Neuza, Day/AfroDay, Colonial Black, Shalom, Studio Afonjá).
2. Jader Nicolau Jr., "Black Hair Power!!!", Portal Afro, 22/06/2016 (Zuleika, Solange Dias, Wagner Company, Rubsnei, Edson).
3. Beleza Natural: tese da PUC-Rio e Forbes Brasil, 2014. Negra Jhô: Alma Preta; Correio; Salvador da Bahia. Betina Borges: Hoje em Dia, "Por trás da capa mágica: conheça Mabel".



ENSAIO · COROAS

Toda cabeça *é coroa*

O puff, o crespo preso no alto da cabeça: solto, protegido e cheio de volume. Nas próximas páginas, um ensaio com coroas de ontem e de hoje.

Foto: Raquel Santana (Unsplash) / CC0



Beinecke Library, Universidade Yale / CC BY 2.0



Jack de Nijs / Anefo / CC0

ENSAIO · COROAS DE ONTEM

O volume *tem história*

À esquerda, retrato antigo em ferrotipia (tintype) de uma mulher negra nos Estados Unidos, do acervo da Biblioteca Beinecke. À direita, a cantora e atriz americana Abbey Lincoln, de cabelo natural, em 1966.



ENSAIO · SALVADOR

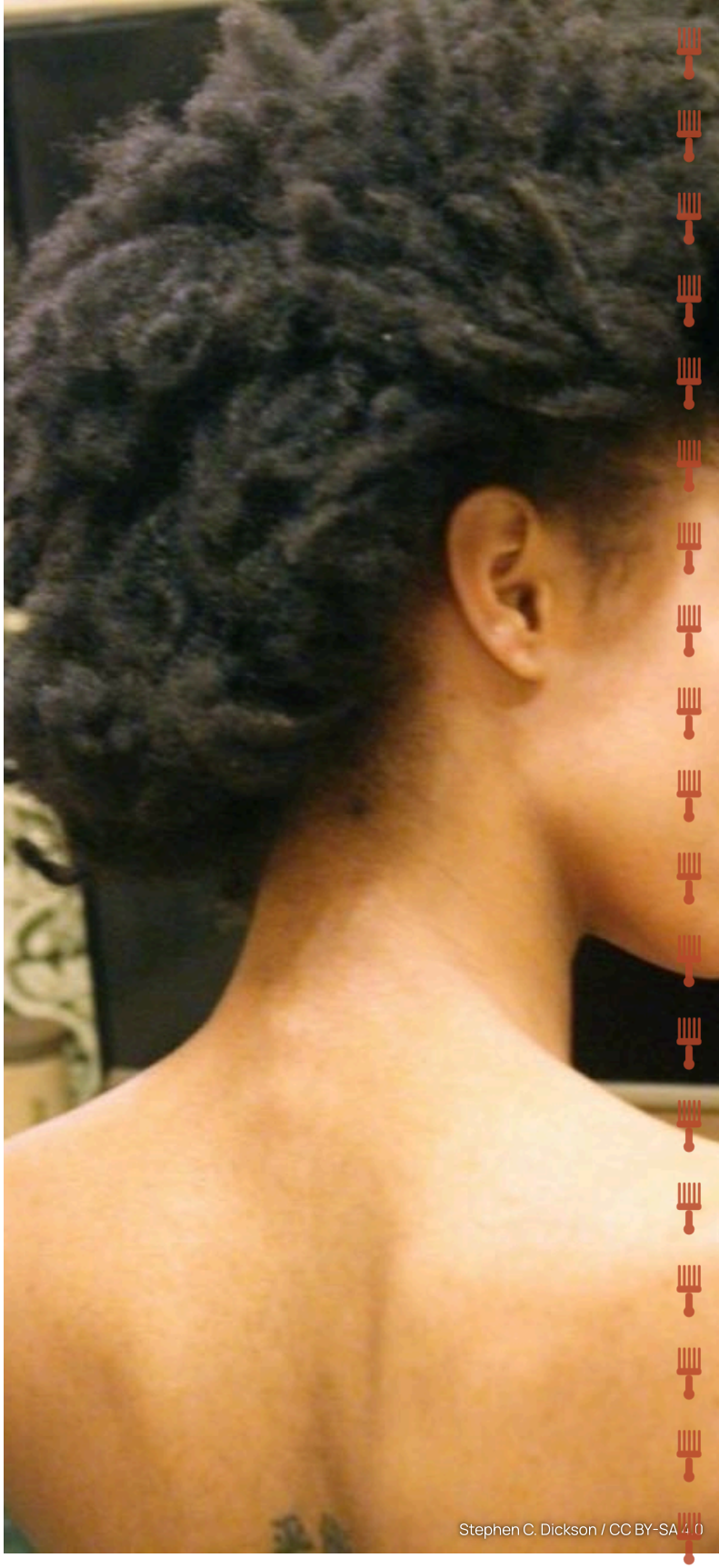
Turbante *também é coroa*

Integrantes do Ilê Aiyê, o bloco afro de Salvador criado em 1974, com os turbantes que viraram marca do bloco.

Foto: Alex Carvalho / CC BY-SA 2.0



Tatiana Azeviche / Turismo Bahia / CC BY-SA 2.0

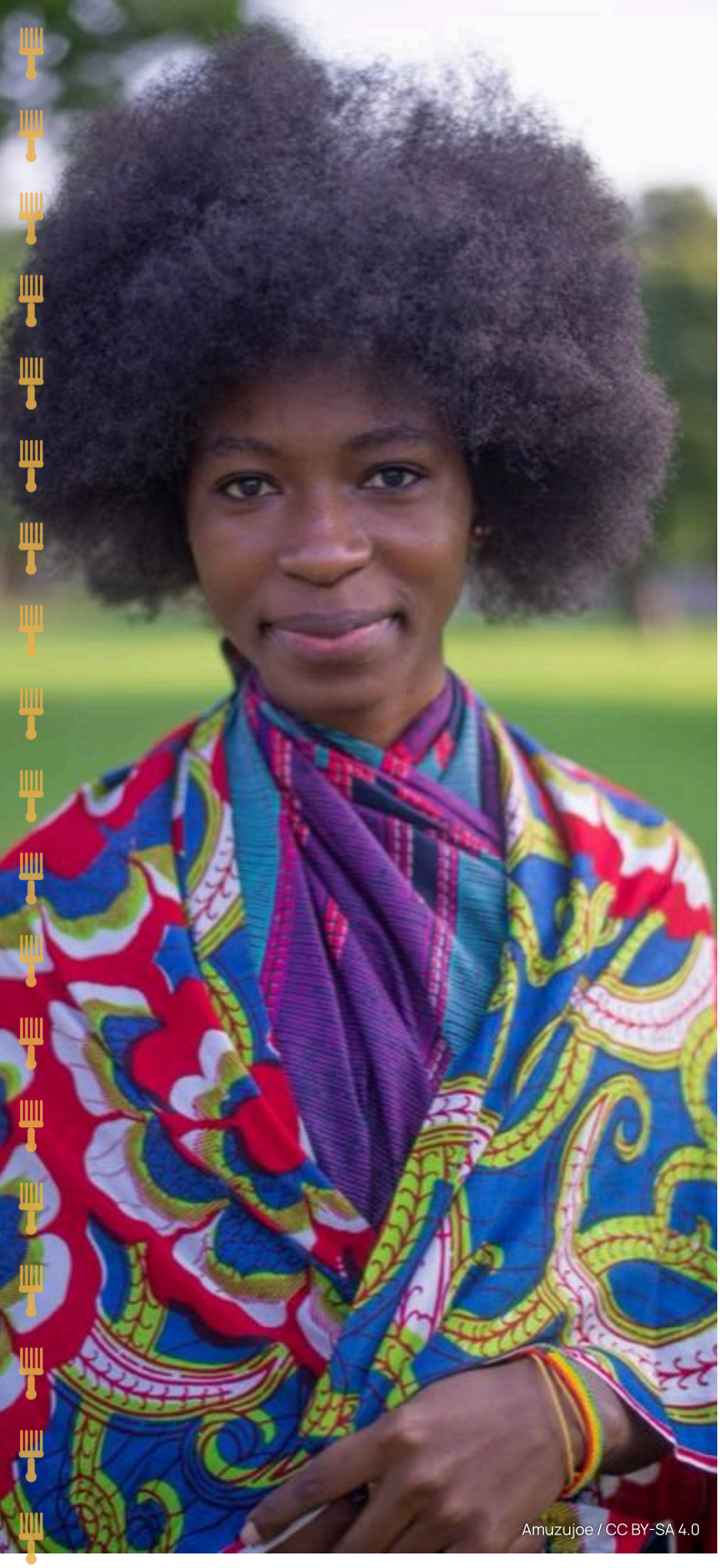


Stephen C. Dickson / CC BY-SA 4.0

ENSAIO · LOCS E CRESPOS

Dread, black *e 4C*

À esquerda, a saída do Ilê Aiyê no Carnaval de 2018, em Salvador. À direita, cabelo crespo do tipo 4C, solto, em retrato de estúdio.



Amuzujoe / CC BY-SA 4.0



William Stitt (Unsplash) / CC0

ENSAIO · VOLUME

Volume *é liberdade*

Black power com tecido estampado e black power solto ao vento: dois jeitos de usar o volume.



Ministério da Cultura / CC BY 2.0



Joshua McKnight / CC BY 2.0

ENSAIO · HOJE

O sorriso *de quem se reconhece*

À esquerda, a Marcha das Mulheres Negras, em Brasília, em 2015. À direita, retrato de cabelo crespo curto, natural.



ENSAIO · CARNAVAL

Tranças *na avenida*

Ilê Aiyê no circuito do Campo Grande, no Carnaval de Salvador.

Foto: Governo da Bahia (perfil Jaques Wagner Governador, Flickr) / CC BY 2.0

MATÉRIA 6

O diploma *na parede*



Eban: a cerca que protege a casa

Uma empresa negra da Carolina do Norte formou cabeleireiros brasileiros e ajudou a mudar a técnica dos salões afro de São Paulo.

Joe Dudley começou em 1957, aos 20 anos, vendendo de porta em porta os produtos da Fuller, uma empresa negra. Em 1967, ele e a mulher, Eunice, passaram a produzir cosméticos para cabelo negro na cozinha de casa, em Greensboro, na Carolina do Norte. Nascia a **Dudley Products**.

No fim dos anos 1980, a empresa mudou para Kernersville e abriu a **Dudley Cosmetology University** (as fontes falam em 1988 ou 1989), além de uma rede de escolas de beleza. Hoje se chama Dudley Beauty Corp. Joe Dudley morreu em fevereiro de 2024, aos 86 anos.

Em São Paulo

Quando pesquisou os salões étnicos de São Paulo, em 1996, o antropólogo Jocélio Teles dos Santos notou um detalhe: os salões exibiam "em locais bem visíveis" diplomas de cursos feitos na Dudley University. Para ele, o diploma funcionava como prova de modernidade e de técnica, um capital que o cabeleireiro mostrava ao cliente.

Dona Neuza, uma das cabeleireiras afro mais antigas da cidade, contou a ele que o curso era de curta duração e custava cerca de 3 mil dólares, com as passagens aéreas. A própria Dudley Products fez uma pesquisa sobre os salões étnicos da Grande São Paulo, com a ajuda de Rudsney Correia. O número que ele relatou: nos anos 1970, menos de dez salões; em 1996, mais de quatrocentos.

A formação ainda aparece nos salões de hoje. Feliciano e Rosemary, do Tok Final, em São Paulo, informam no site a especialização em cosmetologia na Dudley Cosmetology University. Wagner, do Wagner Beauty, em Osasco, se apresenta como formado em cosmetologia nos Estados Unidos. O Spa Crioula também cita cursos na Dudley.

O QUE MUDOU COM A TÉCNICA AMERICANA

Os cursos levaram ao Brasil o jeito americano de tratar o crespo: relaxamento em etapas, produtos próprios para cada fase e manutenção periódica. Para muitos salões, foi a passagem do ferro quente e da pasta caseira para um serviço com método e com diploma.

FONTES

1. Joe Dudley: NCpedia / North Carolina History; The Carolina Peacemaker, 2024; Legacy.com.
2. Jocélio Teles dos Santos, "O negro no espelho", *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 38, 2000 (diplomas, custo do curso, contagem de salões).
3. Spa Crioula, spacrioulla.com.br.



MATÉRIA 7 · OITO TIPOS

Cada fio, *um desenho*

Black power volumoso, em retrato feito em Gana. Do liso ao mais crespo, a escala de curvaturas tenta dar nome ao que cada cabeça tem de único.

Foto: Fquasie / CC BY-SA 4.0

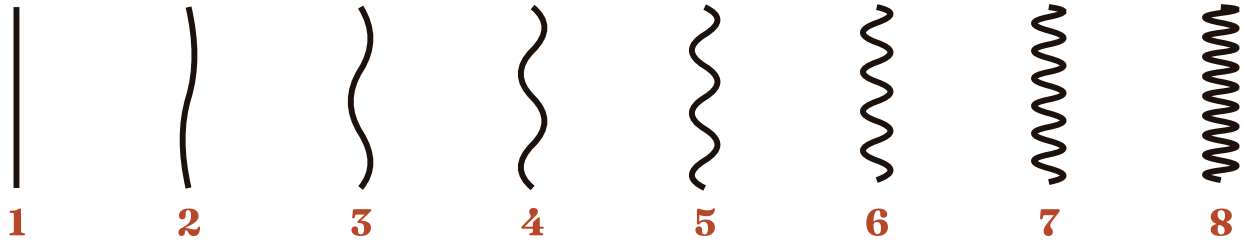
MATÉRIA 7

O Brasil tem *todos os tipos*



Akoma: paciência e tolerância

Nos Estados Unidos, a tabela mais usada vai do 1A ao 4C. Uma classificação de oito tipos diz que só o Brasil reúne todos.



A tabela que muita gente conhece, com números de 1 a 4 e letras de A a C, foi popularizada nos anos 1990 pelo cabeleireiro americano Andre Walker. É um sistema prático de salão, não um estudo científico.

A L'Oréal usa outra escala, com oito tipos de curvatura: do tipo 1, o mais liso, ao tipo 8, o mais crespo. A empresa diz que mediu de tudo, do diâmetro do fio à resistência. E afirma que o Brasil é o único país do mundo onde se encontram os oito tipos.

É uma afirmação da própria empresa, feita a partir do mapeamento que ela fez. Não encontramos estudo independente comparando o Brasil com os Estados Unidos tipo por tipo. Mas a explicação mais citada é conhecida de qualquer cabeleireiro: a mistura. Uma tricologista ouvida pela imprensa lembra que, no Brasil, é muito comum a mesma pessoa ter mais de um tipo de curvatura na cabeça.

> *"Hoje, a mistura de raça aumentou muito."*
>
> Gê Black Power, Museu da Pessoa, 2018, explicando por que muitos cabelos já não pedem química para formar cachos

Para o salão, isso tem consequência prática. Uma técnica pensada para um tipo de fio não serve para todos. É o que Gê resume quando diz que cada cabelo é um cabelo, e é também por isso que o mercado brasileiro virou laboratório para as marcas.

FONTES

1. L'Oréal Brasil, "Descubra como a diversidade brasileira inspira produtos e novas tecnologias"; Neo Mondo, "Beleza sustentável".
2. Tabela de Andre Walker e curvaturas no Brasil: Boticário, "Tipos de cachos"; Dourados News, "Você sabe qual a curvatura de seu cabelo?".
3. Desenho das curvaturas: ilustração esquemática da redação.



MATÉRIA 8 · TRÊS ESCOLAS

A técnica *que veio da África*

Penteado ganense chamado Adonko, ou Watchman, feito com mechas amarradas com linha, como no irun kiko dos iorubás.

Foto: Uprising Man / CC BY-SA 4.0

MATÉRIA 8

Brasil, Estados Unidos *e África*



Sankofa: voltar para buscar

O cabelo crespo atravessou o Atlântico. Cada lado inventou o seu jeito de cuidar, alisar, trançar e soltar.

ORIGEM	TÉCNICAS E MARCOS
África	**Tranças de raiz**, chamadas *kolese* ou *irun didi* pelos iorubás, usadas no continente há milhares de anos. **Irun kiko**, também iorubá: cada mecha é amarrada com linha, o que alonga o fio e protege da quebra. **Bantu knots**, os coquinhos enrolados, ligados ao sul da África. **Rao**, a torção do Senegal que deu origem às *senegalese twists*.
Estados Unidos	**Pente quente** e "press and curl", popularizados por Madam C. J. Walker no começo do século XX. **Creme alisante** de Garrett Morgan (c. 1909) e os relaxantes com soda. **Relaxante sem soda** (1981). **Black power** e o pente garfo, nos anos 1960 e 1970. **Permanente afro**, o cacho molhado. A **tabela de curvaturas** de Andre Walker.
Brasil	**Ferro quente** e "cabelo frito". **Henê** e pastas alisantes de fabricação nacional. **Tranças nagô**, nome brasileiro das tranças de raiz, ligado aos iorubás que aqui foram chamados de nagôs. **Rasteirinha** e cortes desenhados. **Black power cortado redondo e acabado na bucha**, como ensina Gê. **Super-relaxante** do Beleza Natural (1993), para soltar os cachos sem alisar. **Escova progressiva**, exportada como "Brazilian blowout". **Dread feito com agulha**, muito pedido na Galeria do Reggae.



Tranças sendo feitas no cabelo de uma criança. Foto: Meritkosy / CC BY-SA 4.0

EXCLUSIVA DE QUEM?

Não existe uma lista oficial de técnicas "exclusivas" de cada país. A tabela acima foi montada pela redação a partir das fontes desta edição. Muitas técnicas viajaram nos dois sentidos: as tranças vieram da África com as pessoas escravizadas, o pente quente e o relaxante vieram dos Estados Unidos, e a progressiva saiu do Brasil para o mundo.



O que a África ensina

As técnicas africanas mais antigas não alisam: protegem. Trançar, enrolar e amarrar com linha guardam o comprimento do fio e evitam a quebra. É a mesma lógica que voltou com força no Brasil depois da transição capilar, com o nome de "penteado protetor".

Nas galerias do centro de São Paulo, essas técnicas chegaram de novo, agora com as trancistas nigerianas, angolanas, congolesas e haitianas. A pesquisadora Raísa Muniz e o antropólogo Hélio Menezes observaram que as trançadeiras trazem as estéticas dos países de origem.

O que os Estados Unidos venderam

Dos Estados Unidos veio quase toda a indústria: o pente quente de Walker, o alisante de Morgan, os relaxantes, os cursos da Dudley. Veio também o black power, que transformou o cabelo em bandeira política, e a música que tocava nos bailes onde esse cabelo era exibido.

O que o Brasil inventou

O Brasil misturou tudo e criou soluções para um país de muitos tipos de cabelo. Há a criatividade de quem não tinha produto, como Gê, que prendia flores no black da noiva com arame fino. E há a indústria. A fórmula de Zica Assis, testada no quintal, virou uma rede de salões. A escova progressiva virou produto de exportação, e também problema de saúde, por causa do formol.

> *"Por que tem progressiva? Para quebrar a ondulação."*
>
> Gê Black Power, Museu da Pessoa, 2018



A cabeleireira Angélica e o marido, Kallon, no salão deles na Galeria do Reggae, em 2016. Foto: Acervo Portal Afro

A pergunta que sobra é a de sempre: técnica a serviço de quê? Alisar, soltar ou proteger são escolhas. O que mudou nesses cem anos é que, cada vez mais, quem escolhe é a dona do cabelo.

FONTES

1. Wikipedia, "African hair threading"; The Culture Trip, "Inspiring hairstyles and their origins across Africa"; Pan-African, "Uncovered: the roots of 7 traditional African hairstyles".
2. Brazilian blowout e FDA: Wikipedia, "Brazilian hair straightening"; EWG, "Timeline", 2020.
3. Permanente afro, ferro quente, dread com cera: Santos, *Estudos Afro-Asiáticos*, 2000. Dread com agulha: São Paulo para Curiosos, 2012. Trançadeiras: Vitruvius, 2021.
4. Gê Black Power: Museu da Pessoa, 2018 (CC BY-SA 4.0).



MATÉRIA 9 · HOJE

O crespo *é escolha*

Marcha das Mulheres Negras, em Brasília, em 18 de novembro de 2015, ano da 1ª Marcha do Orgulho Crespo em São Paulo.

Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0

MATÉRIA 9

Hoje, o crespo *é escolha*

Nkonsonkonson: união



Encontro da Coopercrespos, Rua São Bento, centro de São Paulo, 28 de novembro de 2025. Foto: Acervo Portal Afro

Em 26 de julho de 2015, a 1ª Marcha do Orgulho Crespo saiu do vão do Masp e desceu a Avenida Paulista, organizada pelos coletivos Hot Pente, Blog das Cabeludas e Casa Amarela. Era o retrato de uma década em que milhares de mulheres fizeram a **transição capilar**: pararam a química, deixaram o cabelo natural crescer e cortaram as pontas alisadas.

A prateleira mudou junto. Linhas para crespos e cacheados, produtos veganos e sem ingredientes agressivos, finalizadores para cada tipo de curvatura. O 15 de setembro virou o Dia Mundial do Cabelo Afro, criado pela britânica Michele De Leon, como o Portal Afro contou em 2024.

A regulação também chegou. O formol para alisar está proibido. Em janeiro de 2023, a Anvisa suspendeu a venda de pomadas de trança depois de centenas de casos de irritação nos olhos e cegueira temporária. A colunista Mariana Nascimento explicou no Portal Afro o que fazer com o produto comprado.

A nova fronteira é econômica, e ela tem uma história que o Portal Afro acompanha desde o começo. Ela está na página seguinte.

FONTES

1. Walber Pinto, "Mulheres negras mostram empoderamento na 1ª Marcha do Orgulho Crespo", CUT, 2015.
2. Portal Afro: "15 de setembro, Dia Mundial do Cabelo Afro", 15/09/2024; Mariana Nascimento, "Anvisa proíbe pomadas para trançar cabelo", 12/02/2023.

DA BELAS & CRESPOS À COOPERCRESPOS

Quando o salão *vira cooperativa*



Djalma, cabeleireiro afro no centro de São Paulo, e Roberto Cruz, em 2017. Foto: Acervo Portal Afro



Encontro da Coopercrespos, novembro de 2025. Foto: Acervo Portal Afro

Em março de 2017, o Portal Afro entrevistou Antonio Roberto Cruz, afro-empreendedor com mais de 30 anos em negócios afro. Ele apresentava um projeto feito em parceria com o portal: a **Belas & Crespos**, uma empresa para prestar serviços de gestão aos salões black, a custo adequado.

A ideia partia de uma conta simples. Só na Grande São Paulo, dizia ele, há milhares de salões de cabelo crespo, quase sempre pequenos e sozinhos. Para faturar mais, precisavam comprar melhor, capacitar os profissionais, divulgar o trabalho e controlar as contas. Juntos, poderiam reduzir custos e criar marcas no país inteiro.

> *"A mulher negra se esmerou para cuidar dos cabelos crespos, e hoje domina essa arte."*
>
> Belas & Crespos, em entrevista ao Portal Afro, 20/03/2017

A reportagem de 2017 mostrou profissionais do centro: Duza, com mais de 20 anos em cabelo afro; Mangueira, com quase 30 anos de profissão; e Djalma, cabeleireiro afro.

Oito anos depois, a proposta ganhou a forma de cooperativa. Em 28 de novembro de 2025, a **Coopercrespos** reuniu cabeleireiros, empreendedores e especialistas na Rua São Bento, 355, na sede do parceiro Clube do Bem. Roberto Cruz, idealizador, conduziu o encontro. Estavam lá o cabeleireiro Texugo, com mais de 30 anos de cabelo crespo; Lourenço Meneses, do salão Etnia Black, no ABC; e a engenheira química Fátima Martinazzo, da linha Pantera Negra.

As propostas: um modelo de salão que possa ser replicado, produtos próprios, formação em gestão e preço, e lideranças em Guarulhos, Osasco, no ABCD e nas periferias da capital. É a mesma luta do Gê, do Rudsney e da dona Neuza, com outro vocabulário: deixar nas mãos da comunidade o dinheiro que o cabelo crespo movimenta.

FONTES

1. Jader Nicolau Jr., "Belas & Crespos: iniciativa inovadora para salões de cabelo afro", Portal Afro, 20/03/2017.
2. Jader Nicolau Jr., "Empreendedorismo negro na estética: a proposta inovadora da Coopercrespos", Portal Afro, 21/01/2026.



MATÉRIA 10 · FEITO AQUI

Produto *feito por nós*

Marcha das Mulheres Negras, em Brasília, em 2015. Muito antes das grandes marcas, cabeleireiros e empreendedores negros criaram linhas para o crespo.

Foto: Ministério da Cultura / CC BY 2.0

MATÉRIA 10

Do salão *para a prateleira*



Aya: crescer onde é difícil

Quando a indústria não fazia produto para o crespo, os próprios cabeleireiros e empreendedores negros criaram as suas linhas.

LINHA	QUEM E ONDE	O QUE SABEMOS
Muene	Maria do Carmo, Galeria do Reggae (SP)	No mercado desde 1988, criada por uma advogada que não achava maquiagem para a própria pele. Em 1991, a linha já tinha batons, bases e pós, e também xampus, creme de pepino e creme de argila. *Sallve; Santos, 2000 (Folha, 1991).*
WB Cosméticos	Wagner Beauty, Osasco (SP)	Wagner é cabeleireiro desde 1980, especialista em crespos e cacheados, formado em cosmetologia nos Estados Unidos. É apresentado como CEO da linha WB Cosméticos. *Site e página do salão.* A CONFIRMAR OS PRODUTOS
Linha do Edson Beauty	São Paulo	Citado como referência pelo Portal Afro em 2016. A CONFIRMAR NOME E PRODUTOS
K'TUSHA	Tok Final, de Feliciano e Rosemary, Vila Mariana (SP)	Mais de 30 anos em cabelo crespo e cacheado, especialização na Dudley, presença na feira Bronner Bros, em Atlanta. A linha própria se chama K'TUSHA. *Site do Tok Final.*
Texugo & Cia	Cláudio Henrique Nobes, o Texugo, São Bernardo do Campo (SP)	Salão e loja especializados em crespos e cacheados, com linha de fórmula exclusiva criada pelo próprio Texugo, como o ativador de cachos "Cabelo Bom". Texugo esteve no encontro da Coopercrespos. *TV 7 Cidades, 2022; loja virtual.*
Pantera Negra	Fátima Martinazzo, engenheira química (SP)	Engenheira química industrial e produtora de cosméticos, responsável pela linha Pantera Negra, com o filho, o engenheiro Martinazzo Filho. Integra o núcleo da Coopercrespos. *Portal Afro, 2026.*
Beleza Natural	Zica Assis e sócios, Rio de Janeiro	Usa só produtos da fábrica própria, a Cor Brasil, que diz produzir mais de 380 toneladas por mês. *Beauty Fair, 2024.*

QUAL É O MAIOR SALÃO DE CRESPOS DO BRASIL?

Não existe ranking independente de salões por número de clientes. A maior **rede** é a do Beleza Natural: segundo dados da própria empresa divulgados em 2024, são 35 unidades em cinco estados (RJ, SP, MG, ES e BA), cerca de 100 mil clientes por mês e 1,5 mil funcionários, mais de 90% mulheres negras. Um estudo de caso da PUC-Rio, mais antigo, falava em 25 mil clientes por mês. Qual é a maior **unidade** sozinha, a empresa não informa. Para comparar: um salão afro de Campinas ouvido pela imprensa em 2022 fazia cerca de 800 atendimentos por mês.

FONTES

1. Muene: Sallve, "11 marcas de maquiagem criadas por mulheres negras"; Santos, *Estudos Afro-Asiáticos*, 2000. Wagner Beauty: wagnerbeauty.com.br; facebook.com/Wagnerbeautyyy.
2. Tok Final: tokfinalcabeleireiro.com.br. Texugo: TV 7 Cidades, 06/12/2022; texugoecia.com.br. Pantera Negra: Portal Afro, 21/01/2026.
3. Beleza Natural: "Beleza Natural celebra 31 anos", Beauty Fair, 27/07/2024; PUC-Rio, estudo de caso; Campinas: campinas.com.br, 2022.

MATÉRIA 11

Uma profissão *com nome e data*



Nkonsonkonson: os elos da corrente

Datas no calendário, reconhecimento do Ministério do Trabalho e associações: como os profissionais do crespo se organizam, aqui e fora.

As datas

20 de junho, Dia do Cabeleireiro Afro. A ideia é de Francisco Silvino. Em junho de 2016, uma comitiva percorreu a Galeria do Reggae para divulgar a data, e o projeto de lei estava em tramitação, como registrou o Portal Afro. Não encontramos, até o fechamento, a lei aprovada.

30 de março é a data proposta num projeto de lei da Câmara Municipal do Rio de Janeiro para o Dia do Cabeleireiro Afro na cidade. O texto cita mais de 400 salões afro no Rio.

26 de julho, Dia do Orgulho Crespo, no estado de São Paulo, pela Lei 16.682/2018. É a data da 1ª Marcha do Orgulho Crespo, de 2015, um dia depois do Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha (25 de julho).

15 de setembro, Dia Mundial do Cabelo Afro, criado pela britânica Michele De Leon em 2017.

A profissão

Em julho de 2009, o Ministério do Trabalho passou a reconhecer a ocupação de **cabeleireiro étnico e trancista**. Segundo a reportagem do Terra, os requisitos eram curso de cabeleireiro, ensino médio e três anos de experiência. A trancista ainda luta por mais: um projeto da deputada federal Dandara (PT-MG) quer incluir a profissão na CLT. O site da deputada fala em cerca de 15 mil trancistas no país.

As associações no Brasil

- **Associação dos Cabeleireiros Afroétnicos do Estado de São Paulo**, presidida por Gê Black Power, segundo um guia de 2013.
- **Antab**, a Associação Nacional do Turismo Afro-Brasileiro, que tinha em 2009 uma coordenação de beleza afro, com Eliana da Silva.
- **Expoafro**, que promovia em novembro um Congresso de Cabeleireiros e Trancistas Afro-Étnicos.
- **Prosae**, do qual Feliciano, do Tok Final, se apresenta como idealizador e presidente.
- **Coopercrespos**, a cooperativa lançada em 2025 (página 33).

Lá fora

- **AHBAI** (American Health and Beauty Aids Institute), nos Estados Unidos: associação de fabricantes negros de produtos para cabelo, que reúne também profissionais de salão.
- **Bronner Bros.**, de Atlanta: empresa que organiza desde 1947 a maior feira de beleza afro-americana, onde brasileiros como o Tok Final já estiveram.
- **World Afro Day**, o movimento de Michele De Leon, no Reino Unido, com apoio do escritório de direitos humanos da ONU.

FONTES

1. Portal Afro, 22/06/2016 e 15/09/2024; Câmara Municipal do Rio de Janeiro, projeto de lei; Brasil de Fato, 25/07/2018 (Lei SP 16.682/2018).
2. Michelle Achkar, "Cabeleireiros afro agora são categoria profissional", Terra, 26/07/2009; Deputada Dandara, "Regulamentação da profissão das trancistas".
3. AHBAI: ahbai.org. Bronner Bros.: NPR, 11/02/2017. Tok Final e Prosae: tokfinalcabeleireiro.com.br.

AJUDE A CONTAR ESTA HISTÓRIA

O que ainda *estamos apurando*

Parte dessa história nunca foi escrita. Se você viveu, trabalhou ou cortou o cabelo com alguém desta lista, fale com o Portal Afro.

- **Bonequinha do Café:** qual era a pasta de alisamento vendida pelo organizador do concurso? Quem a fabricava? Há fotos das vencedoras?
- **Zuleika**, da Galeria Metrópole: nome completo, anos de trabalho e a história com Baby Consuelo.
- **Feitosa**, cabeleireiro de Jair Rodrigues: é o mesmo Ednaldo Feitosa, o Mangueira, da Galeria do Reggae? Onde era o salão e em que época?
- **Belas & Crespos e Coopercrespos:** quando o projeto mudou de nome e virou cooperativa?
- **Edson Beauty**, **Solange Dias** e **Wagner Company** (Osasco): onde começaram e o que criaram.
- **Ângela Bon Bon**, de Campinas: a trajetória e o salão.
- **Linhas de produtos:** os nomes e produtos da linha do Edson Beauty e da WB Cosméticos; o ano em que o Tok Final abriu; o ano de fundação do Texugo & Cia (o site diz 1984; uma reportagem de 2022, 2000); o sobrenome de Maria do Carmo, da Muene (as fontes trazem Valério e Nicolau).
- **Dia do Cabeleireiro Afro (20 de junho):** o projeto de 2016 virou lei? Em qual cidade ou estado?
- **Betina Borges**, de Belo Horizonte: desde quando o Beleza Negra existe, e quem ela formou.
- **Salvador:** as cabeleireiras e trancistas que fizeram escola na Bahia.
- **Dudley:** quais cabeleireiros brasileiros estudaram na Carolina do Norte, e quando?
- **Fotos:** retratos de época dos salões, dos bailes e dos pioneiros, com o nome de quem fotografou.

COMO MANDAR

Escreva pelo portalafro.com.br/contato ou pelo Instagram @portalafro. As histórias confirmadas entram na próxima edição e no acervo do portal, com o seu nome.



REVISTA DE SALÃO

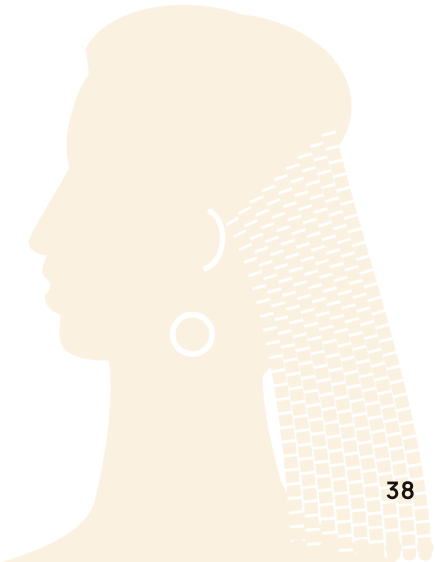
Leia, passe adiante *e volte*

Esta edição foi feita para ficar na mesa do salão, entre um penteado e outro. Se você gostou, conte a sua história para a gente.

CARIMBO OU NOME DO SALÃO

Para salões e trancistas: quer receber exemplares, aparecer na próxima edição ou contar a história do seu salão? Fale com o Instituto Portal Afro pelo portalafro.com.br/contato.

Para quem está na cadeira: a versão digital, com todos os links das fontes, fica em portalafro.com.br. Leve a revista para casa só se o salão deixar.



QUILOMBO PORTAL AFRO HUB

Pertencer *é só o começo*

O Quilombo Portal Afro Hub é a área de conexão do Instituto entre as redes da diáspora africana e a África, os empreendedores e os afronegócios. A ideia é fazer o dinheiro e o conhecimento circularem entre nós.

1
Ubuntu
Eu pertenço. Matérias no WhatsApp, grupos e encontros.

2
Raiz
Eu crio raízes. Vozes, mutirões do acervo e rodas.

3
Sankofa
Eu conheço para avançar. Cursos, trilhas e o acervo como escola.

4
Baobá
Eu cresço e dou frutos. Rede, rodadas, indicações e marketplace.

5
Legado
Eu deixo caminhos. Padrinhos, madrinhas e quem financia o próximo ciclo.

Esta revista é sua

O Portal Afro Hub sai toda semana. Cada edição vai trazer uma matéria de capa, uma linha do tempo, um pedaço da história africana, números do afroempreendedorismo e a agenda da semana, sempre com fontes.

Mande sua pauta. Sabe de uma marcha, uma feira, uma roda ou uma história que precisa ser contada? Escreva para a redação em portalafro.com.br/mande-sua-materia.

Doe memória. Fotos, cartas e jornais antigos da sua família podem entrar no acervo, com crédito.

Apoie o Portal Afro

O portal é aberto para todo mundo. Quem mantém isso de pé é quem acredita: um apoio de uma vez, um apoio todo mês ou uma empresa que assume um projeto. Saiba como em portalafro.com.br/apoie.

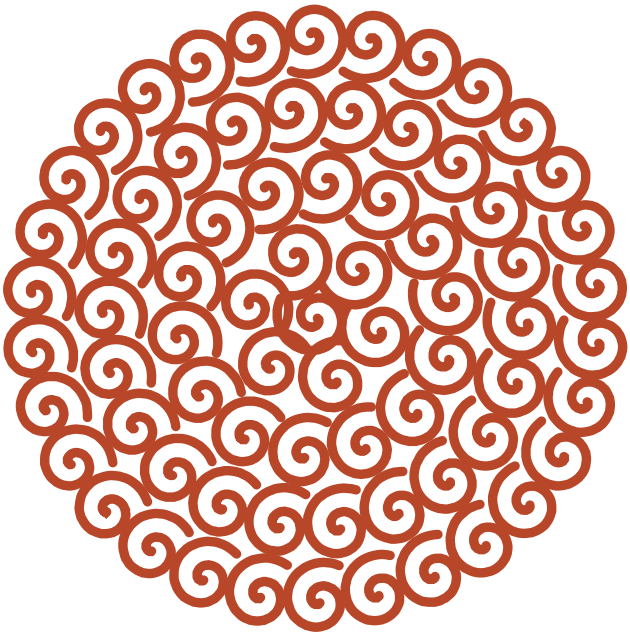
CONTE A SUA HISTÓRIA

Você trabalhou num salão das galerias, foi Bonequinha do Café ou cortou o black com um dos pioneiros? Escreva para a redação. As histórias confirmadas entram nas próximas edições e no acervo.

COMO FIZEMOS ESTA EDIÇÃO

Pesquisamos o acervo do portalafro.com.br, o depoimento de Gê Black Power ao Museu da Pessoa, teses e artigos acadêmicos (USP, *Estudos Afro-Asiáticos*), a imprensa e sites das empresas citadas. Citações do acervo têm no máximo duas frases, com autor, data e link. O que vem só da memória está marcado como "a confirmar".





Toda cabeça é coroa.
Cuide da sua.

Deixe esta revista no salão para a próxima pessoa ler
Portal Afro Hub · Especial cabelo crespo · Novembro Negro 2026

Leia no portalafro.com.br

Apoie o Portal Afro

instituto portalafro

portalafro.com.br · instagram.com/portalafro · youtube.com/@PortalAfro